

PRÁTICAS EDUCATIVAS E INTERCÂMBIO DE IDEIAS: AS VIAGENS DE CELINA PADILHA REPRESENTANDO A FEDERAÇÃO NACIONAL DAS SOCIEDADES DE EDUCAÇÃO (FNSE)

PRÁCTICAS EDUCATIVAS E INTERCAMBIO DE IDEAS: LOS VIAJES DE CELINA PADILHA EN REPRESENTACIÓN DE LA FEDERACIÓN NACIONAL DE SOCIEDADES DE EDUCACIÓN (FNSE)

EDUCATIONAL PRACTICES AND EXCHANGE OF IDEAS: CELINA PADILHA'S TRIPS REPRESENTING THE NATIONAL FEDERATION OF EDUCATION SOCIETIES (FNSE)

Jacqueline de Albuquerque Varella¹

RESUMO: Interpretar as viagens pedagógicas feitas por Celina Padilha em prol da Escola Nova, pela Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE), é objetivo deste estudo. Celina Padilha foi uma educadora brasileira e feminista que atuou no ensino público da cidade do Rio de Janeiro durante o movimento da Escola Nova no Brasil; sobretudo nas reformas de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, nos anos de 20 e 30. Em 1929, junto à FNSE, fez diversas viagens, dentre elas para Argentina, Uruguai e cidades brasileiras; divulgadas pela imprensa periódica nacional. A partir das concepções sobre viagens pedagógicas em Mignot; Gondra (1997), Mignot (2024, 2017), bem como estudos sobre a educadora em Varella (2025) e Dias; Jara (2018), busca-se interpretar: Como se articulou a FNSE? Quais eram os seus objetivos? De que forma Celina Padilha ajudou no intercâmbio de ideias escolanovistas? Assim, lança-se luz sobre a FNSE, sobre a educadora e suas práticas educativas com viés escolanovista.

Palavras-chave: Celina Padilha; Escola Nova; Viagens Pedagógicas.

RESUMEN: El objetivo de este estudio es interpretar los viajes pedagógicos realizados por Celina Padilha en favor de la Escuela Nueva, por la Federación Nacional de Sociedades de Educación (FNSE). Celina Padilha fue una educadora brasileña y feminista que trabajó en la enseñanza pública de la ciudad de Río de Janeiro durante el movimiento de la Escuela Nueva en Brasil, sobre todo en las reformas de Fernando de Azevedo y Anísio Teixeira, en los años 20 y 30. En 1929, junto con la FNSE, realizó varios viajes, entre ellos a Argentina, Uruguay y ciudades brasileñas, que fueron difundidos por la prensa nacional. A partir de las concepciones sobre los viajes pedagógicos en Mignot y Gondra (1997), Mignot (2024, 2017);

¹ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: jacquevarella@gmail.com

estudios sobre la educadora en Varella (2025) y Dias y Jara (2018), se busca interpretar: ¿Cómo se articuló la FNSE? ¿Cuáles eran sus objetivos? ¿De qué manera Celina Padilha contribuyó al intercambio de ideas escolanovistas? De este modo, se arroja luz sobre la educadora, sobre la FNSE y sus prácticas educativas en pro de la difusión de la Escuela Nueva.

Palabras clave: Celina Padilha; Escuela Nueva; Viajes Pedagógicos.

ABSTRACT: The objective of this study is to interpret the educational trips undertaken by Celina Padilha on behalf of Escola Nova (New School) and the National Federation of Education Societies (FNSE). Celina Padilha was a Brazilian educator and feminist who worked in public education in the city of Rio de Janeiro during the Escola Nova movement in Brazil, particularly during the reforms of Fernando de Azevedo and Anísio Teixeira in the 1920s and 1930s. In 1929, together with the FNSE, she made several trips, including to Argentina, Uruguay, and Brazilian cities, which were reported in the national press. Based on the concepts of educational trips in Mignot and Gondra (1997), Mignot (2024, 2017); studies on the educator in Varella (2025) and Dias and Jara (2018), we seek to interpret: How was the FNSE organized? What were its objectives? How did Celina Padilha contribute to the exchange of ideas on the New School? In this way, light is shed on the educator, the FNSE, and its educational practices in favor of the dissemination of the New School.

Keywords: Celina Padilha; New School; Educational Trips.

INTRODUÇÃO

Se os homens públicos à frente da antiga instrução pública do Distrito Federal/ Departamento de Educação^[1], propuseram e pensaram em novos programas de ensino com base na educação ativa e no movimento da Escola Nova, foram as educadoras, as professoras, inspetoras escolares e superintendentes de educação, que no âmbito de suas funções puseram em prática estas reformulações. Para tal, buscaram o aperfeiçoamento de seus estudos e a legitimação de seus trabalhos entre seus pares, unindo-se às associações como a ABE, criada em 1924. Participaram de conferências pedagógicas, onde expuseram suas teses a respeito da instrução primária, calcadas nos estudos mais atuais à época sobre a psicologia educacional, apropriados de estudiosos e estudiosas como Maria Montessori, Jean- Ovide Decroly, Édouard Claparède e John Dewey, por exemplo. Realizaram viagens pedagógicas para diversos países do ocidente e apropriaram-se de tais estudos modernos, bem como observaram como funcionavam os sistemas de ensino. Assim, levaram na bagagem suas experiências e àquilo que vinha sendo promovido nas escolas onde trabalhavam.

Dessas educadoras podemos destacar Armanda Alvaro Alberto, que viajou, em 1931, para o Uruguai, a pedido de Belisario Penna – responsável pelo Ministério da Educação naquele período, conforme trata o estudo de Mignot (2012). A autora jogou luz sobre uma

documentação privilegiada que continha a troca de correspondências entre esta educadora e educadores uruguaios. As fontes permitiram interpretar os objetivos da missão a qual ela estava à frente, os lugares que visitou, o que realizou no Museu Pedagógico de Montevideu, o contexto político no qual se deu a viagem e os sujeitos com quem estabeleceu conexões.

Outros estudos, também realizados pela autora, colocam ênfase em outra mulher – a educadora católica Laura Jacobina Lacombe, que, por sua vez, empreendeu diversas viagens pedagógicas. Lançando mão do álbum de viagens deixado por ela, interpreta, enquanto narrativa autobiográfica, os registros da viagem de estudos realizada em 1925 ao Instituto Jean Jacques Rousseau, em Genebra – “instituição considerada o principal centro de produção e difusão da Escola Nova”. (Mignot, 2017, p. 330). Esta oportunidade contribuiu para ampliar seus conhecimentos e suas redes de sociabilidade, pondo-a em contato com Claparède, Pierre Bo-vet, e Jean Piaget; o que lhe legitimou ainda mais entre seus pares, trazendo na bagagem um conhecimento que colocou em prática enquanto diretora do Colégio Jacobina e nas associações da qual fez parte.

Além desta viagem, Laura Jacobina Lacombe participou IV Congrès International d’Education Nouvelle, em Locarno – Suíça, em 1927, evento que visou propagar as ideias renovadoras (Mignot; Pires, 2019). Ao longo de sua trajetória, viajou em missão de estudos organizada pela ABE e pelo Teacher College, 1929, junto ao grupo liderado por Delgado de Carvalho, que contava com a presença de educadores e educadoras do Rio de Janeiro e São Paulo, segundo os estudos de Cardoso (2015). Enquanto representante da OMEP Brasil, ela também viajou para participar das assembleias empreendidas pela Organização, “em 1956, 1958, 1960, 1962, 1964, 1968 e 1970, realizadas em Atenas, Bruxelas, Zagreb, Londres, Estocolmo, Paris e Washington...” (Mignot, 2017, p. 333).

Por sua vez, a educadora Alba Cañizares do Nascimento teve sua trajetória recentemente estudada por Anna Clara Granado da Silva (2021), em sua dissertação, onde interpretou-a enquanto educadora católica e feminista. Varella (2025) tratou de iluminar suas contribuições em prol da Escola Nova por meio das escritas na revista *A Escola Primaria*, colocando ênfase na viagem por ela realizada ao Uruguai e Argentina, em 1935, enquanto representante do Departamento de Educação, administrado por Anísio Teixeira. Tal viagem tinha como objetivo principal estabelecer laços e intercambiar ideias entorno das políticas calcadas no pan-americanismo, amplamente defendido nas décadas de 20 e 30, no período entreguerras, onde a Doutrina Monroe, criada no século XIX, de lema: “A América para os americanos”, ganhava um novo contorno.

Desta forma, assim como suas contemporâneas, Celina Padilha tornou-se professora e desde muito jovem dedicou-se a aprimorar seus estudos. Seu trabalho ganhou relevo no Departamento de Educação do Rio de Janeiro, além de destaque nas páginas de periódicos entre as décadas de 10 e 30. A educadora adquiriu conhecimento e notoriedade no campo educacional que a possibilitou fazer viagens articuladas à FNSE pelo Brasil e América Latina. Aspecto importante de sua trajetória que contribui para iluminar mais sobre a difusão da Escola Nova.

1. CELINA PADILHA ENTRE RECORTES DE JORNAIS E REVISTAS

Ao vasculhar os espaços de guarda em busca de interpretar a trajetória desta mulher educadora, me deparo com alguns esparsos vestígios de sua atuação no campo educacional, como os livros que publicou quando foi inspetora na Instrução Pública Municipal do Rio de Janeiro[2]. Contudo, nenhum arquivo pessoal foi localizado, bem como documentos que tratam de sua biografia, algo comum quando se trata de homens públicos que se dedicaram à educação no mesmo período.

Este desafio de pesquisa não se configura como caso específico quando se trata de arquivos de mulheres. Nos fala Perrot (2019) que os arquivos públicos foram espaços atravessados por uma lógica patriarcal, onde os critérios de preservação e descarte eram elaborados a partir do papel do homem e da mulher na sociedade burguesa. Sendo assim, aos homens eram destinados os espaços públicos e as mulheres, em boa parte, a vida privada junto à família. Ainda que elas lutassem por direitos e criassem estratégias para burlar tais condições, esta configuração perdurou por muito tempo.

Sendo assim, quem foi Celina Padilha? Por onde circulou? Como foi sua educação? Como sua formação contribuiu para sua trajetória profissional? Quem fazia parte de sua rede de sociabilidades? Questões norteadoras que podem ser respondidas a partir do entrecruzamento de jornais e revistas da imprensa periódica e especializada. Ao lançar mão da pesquisa na Hemeroteca Nacional, o nome da educadora surge em meio a periódicos que circularam entre as décadas de 10 e 30 na cidade do Rio de Janeiro. Neles, ela é apresentada desde muito jovem como promissora professora, aluna da Escola Modelo Benjamim Constant e, posteriormente, da Escola Normal do Rio de Janeiro; oriunda de família abastada. Ao formar-se professora, sua família ofereceu um jantar, onde compareceram amigos e até mesmo Leoncio Correia, diretor da Instrução Municipal do Rio de Janeiro no ano de 1908, conforme apresenta o jornal *O Paiz*, 10 de abril daquele ano.

Foi no ambiente da Escola Normal que começou a tecer suas redes de sociabilidade dentro da instituição educacional e da própria instrução municipal, com educadoras e gestores da educação. A conclusão dos estudos com destaque, permitiu-lhe seguir carreira na instituição, começando como estagiária, depois professora adjunta e professora catedrática, assumindo as cadeiras de Física, História Natural e Química. Seu início de carreira promissor e as boas relações estabelecidas contribuíram para que fosse articulista e colaborasse em revistas especializadas em Educação da época como a revista *O Estudo* (1910) e a revista *A Escola Primária* (1916 – 1937), segundo apontam Dias e Jara (2017) ao jogar luz sobre aspectos de sua trajetória.

Considerando seus itinerários, os lugares onde circulou, as redes de sociabilidade estabelecidas, bem como a maneira com que se apropriou e difundiu ideias, é possível interpretá-la enquanto uma intelectual de seu tempo conforme sistematiza Sirinelli (2003). Dentro de sua concepção de intelectual, esses atores são reconhecidos por terem estabelecido variadas funções ao transitar em espaços de sociabilidade como a redação de uma revista ou enquanto intelectuais mediadores nas assimilações de Gomes e Hansen (2016), considerando, em seu caso, que nesses mesmos espaços atuava como uma mediadora cultural, apropriando-se e fazendo circular ideias.

Assim formada e atuando profissionalmente entre as primeiras décadas do século XX, Celina Padilha, bem como uma geração de educadoras e educadores, viu florescer as ideias de uma nova pedagogia, pautada na formação humana, na criança como centro de produção do conhecimento, a fim de moldar uma sociedade na qual considerava instruída e moderna. É possível ver seu compromisso com a Escola Nova, em seus escritos como àqueles publicados na revista *A Escola Primaria*^[3], a exemplo do artigo *Dos fins e métodos da escola nova*:

A Escola Nova baseia sua metodologia nos modernos conceitos de psicologia infantil e vê a criança como um ser, embora em evolução, completo em cada idade em que seja considerada. Assim, em vez da preocupação de prepará-la para a vida adulta, trata-se de permitir que viva cada momento de sua vida da maneira mais completa, dentro de sua capacidade. Educar é, nesse caso, dirigir a criança de modo que adquira nas experiências que vai realizando, possibilidades cada vez maiores de vencer os obstáculos que se apresentem. Educar é desenvolver-lhe o poder de agir e realizar com plena eficiência diante das circunstâncias, o que se resume em certa plasticidade ou disposição para progredir, adapta-se ao momento social e influi no progresso em geral" (PADILHA, Celina. *A Escola Primaria*, mar. 1929, p.4).

Além de utilizar dos impressos como meio de publicar suas ideias e difundir a Escola Nova no Brasil, a educadora também se articulou às associações como à Associação

Brasileira de Educação (ABE), onde participou com destaque da I, II e IV Conferência de Educação, assumindo na primeira delas, em Curitiba (1928), e na II, em Belo Horizonte (1929), a comissão do ensino primário como representante da instrução municipal. Na CNE de Curitiba, sua atuação chegou a estampar as capas de jornais e revistas, quando apresentou aos seus pares a tese de número 74, que defendia a (co) educação sexual, algo que alarmou a sociedade da época, sendo alvo de críticas negativas, como a sátira apresentada na revista *O Malho* de 8 de setembro de 1928.

A sua nomeação como inspetora da Instrução Pública Municipal do Rio de Janeiro foi um divisor de águas em sua trajetória profissional, possibilitando a atuação ainda mais precisa na instauração da reforma de Fernando de Azevedo e, posteriormente, na de Anísio Teixeira, assumindo parte da organização das escolas primárias por meio da Chefia dos Serviços de Obras Sociais Escolares, Peri-escolares e Post-escolares, o que fica evidente nos livros publicados pela Instrução Municipal de sua autoria, já citados, onde dedica-se a apresentar o trabalho realizado como inspetora escolar nas escolas primárias a partir das ideias escolanovistas inspiradas na psicologia experimental. Essa atuação importante contribuiu para que fosse escolhida para realizar viagem aos Estados Unidos em 1933, por intermédio de Anísio Teixeira, onde aprofundou os estudos sobre o Ensino Primário (Cardoso, 2015). Contudo, as viagens realizadas por meio da FNSE ficaram esquecidas pela historiografia da educação, bem como a importância de sua articulação à esta federação que buscava reunir educadores de todo território nacional em prol da difusão da Escola Nova.

2. A FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS SOCIEDADES DE EDUCAÇÃO

A efervescência de ideias e debates em torno das concepções e métodos novos de ensino que buscavam romper com a Educação tradicional, movimentou educadores em torno da criação de associações e entidades diversas onde pudessem se reunir, promover à educação ativa e à Educação Nova, sob os estudos calcados na pedagogia e na psicologia experimental. No Brasil, não foi diferente, em 1924, tivemos a criação da Associação Brasileira de Educação. Posteriormente, com o acirramento da disputa pelo campo educacional entre escolanovistas católicos e laicos e a saída dos primeiros da ABE, ocorreu o surgimento da Associação dos Professores Católicos e o surgimento da Confederação Católica Brasileira de Educação[4], lideradas por Everardo Backheuser, que aglutinou professores e professoras como Laura Jacobina Lacombi, Alba Cañizares e Zélia Braune, conforme apontam os estudos de (Sgarbi 1998, 2001).

Neste contexto de disputas, outras tantas associações surgiram ao longo do território nacional. Objetivando reuni-las, a partir de uma mesma orientação, nasceu a Federação Nacional das Sociedades de Educação, no ano de 1929, no Distrito Federal, Rio de Janeiro. Criada no seio da reforma de Fernando de Azevedo, tornou-se um espaço de sociabilidade que reuniu educadores e demais sujeitos interessados no debate sobre a Educação Nova. Nela, circulou nomes de relevo na cena educacional, conhecidos por suas contribuições ao campo, conforme matéria de destaque publicada no jornal *O Paiz* de 31 de julho de 1929, que trata das bases de sua organização:

Acaba de ser fundada, nesta capital, pelos representantes de diversos Estados, a Federação Nacional das Sociedades de Educação. Reunidos no Hotel Avenida os Srs. deputado João Simplicio, pela Associação de Educação do Rio Grande do Sul; deputado Fulvio Aducel, pela Associação Catharinense de Educação; ministro Renato Jardim, pela Sociedade de Educação de S. Paulo; deputado Jayme de Barros, pela Associação de Educação do Estado do Rio de Janeiro; Alcides Bezerra, pela associação de Educação da Parahyba; senador José Augusto, pela Associação de Educação do Rio Grande do Norte; Dr. Frota Pessoa, pela Associação de Educação do Ceará; deputado Clodomir Cardoso, pela Associação de Educação do Maranhão, e mais os professores Drs. Vicente Licínio Cardoso, Mario Paulo de Brito e D. Celina Padilha, foi dada a palavra ao Dr. Mario de Brito, que propoz que, na referida reunião, que foi a última da serie que vinha sendo realizada pelos mesmos representantes na Escola Polytechnica, fosse lavrada uma acta, no que é por todos aprovado, sendo, então, pelo próprio Dr. Mario de Brito indicada, e pelos demais aceita, para servir de secretária a professora Celina Padilha (*O PAÍZ*, 31 de julho de 1929, p. 2).

A publicação aborda com detalhes como se deu a criação da Federação. Juntando esforços mútuos, os educadores e educadoras acima citados, representantes de associações de diferentes estados do Brasil e Celina Padilha, única mulher citada naquele momento, escolhida para função de secretária, promoveram reuniões debatendo a necessidade desta articulação, dada a urgência de ações em prol do ensino e da formação dos educadores por meio de cursos e viagens pedagógica. Os debates preliminares foram realizados na ABE, sob à orientação de seu presidente à época Vicente Licínio Cardoso[5]. A ideia do grupo era criar um estatuto para Federação, pois consideravam que o da ABE era ineficiente em promover a aproximação das diversas associações e sociedades existentes, além de acreditarem que nenhum conselho diretor de associações de educação poderia deliberar unilateralmente a respeito. Contudo, ainda que contasse com o apoio do abeano, o conselho diretor, em sua maioria, considerou que o momento não era oportuno; sobre este debate relatou Mario de Brito ao periódico:

Nessas reuniões, a idéia sempre dominante foi apresentar ao conselho diretor da ABE um esboço de estatuto, desejando-se que toda a obra fosse feita na melhor harmonia de colaboração. Aconteceu, porém, depois da passagem de sua presidência, que o conselho diretor entendeu não ser agora oportuno o aparecimento da Federação, conforme proposta aprovada na sessão de sexta-feira, 26 do recente mês e ano. (*O PAÍZ*, 31 de julho de 1929, p. 2).

Por sua vez, um dos membros da FNSE, o Dr. José Augusto, propõe seguir com a proposta mesmo com a negativa do conselho diretor da ABE. Tal posicionamento tinha como objetivo fazer com que em uma próxima deliberação a mesma pudesse colaborar com a obra. O relato mostra que eles tentaram de todas as maneiras pressionar o apoio da associação, tentando contactar pessoas influentes nos departamentos de diversos estados do Brasil:

A seguir, o Dr. Vicente Licínio Cardoso comunica que, depois da resolução do conselho diretor da ABE, se dirigiu por carta ao reitor Mendes Pimentel, ao Dr. Bernardino de Souza, ao Dr. Ubaldo Ramallete e ao Prof. Oswaldo Pilotto, pessoas influentes junto aos departamentos da ABE em Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo e Paraná, enviando-lhes uma exposição sucinta dos factos que se prendem à criação da federação e pedindo-lhes que transmitissem às respectivas sociedades o convite de se fazerem representar na assembleia que, desde reuniões anteriores, se projectou fazer no Rio de Janeiro, no dia 11 de agosto deste anno. (*O PAÍZ*, 31 de julho de 1929, p. 2).

Ainda que sua criação tenha sido negada pela maioria do conselho diretor da ABE, por outro lado nota-se que muitos educadores e políticos a apoiaram, bem como a imprensa periódica e especializada, usada para fazer divulgar e difundir as ideias da Federação. Ao realizar a pesquisa na hemeroteca da Biblioteca Nacional foi possível encontrar matérias sobre a FNSE em 14 periódicos^[6], em 1929, ano de sua criação, alguns deles de outros estados como, *Correio Paulistano*, *Diário Nacional de São Paulo*, *A Gazeta de São Paulo*, *Diário de Pernambuco*, *A República Órgão do Partido Republicano do Paraná*, *Federação: órgão do Partido Republicano do Rio Grande do Sul*, *Diário da Manhã: órgão do Partido Constructor do Espírito Santo e A Razão do Ceará*. Em relação à imprensa especializada em educação, destaca-se *A Escola Primaria*^[7], dirigida por inspetores escolares do Distrito Federal, onde alguns de seus colaboradores faziam parte da FNSE, incluindo Frota Pessoa e Celina Padilha.

A fim de angariar apoio à FNSE da comunidade escolar do Distrito Federal, Frota Pessoa realizou uma palestra da Escola Municipal Affonso Pena para professores e membros do círculo de pais. Ao iniciar sua apresentação, o educador se coloca como representante do pensamento do Diretor Geral da Instrução Municipal e como membro do Conselho Executivo da Federação Nacional das Sociedades de Educação. Em seguida, anuncia ao público que um selo educacional em prol de levantar fundos à FNSE estava sendo emitido por meio do patrocínio da Diretoria Geral de Instrução Pública, gerida àquela época por Fernando de Azevedo. Tal informação leva a interpretação de que havia uma grande mobilização de educadores em prol da Federação, alguns deles como Fernando de Azevedo e Frota Pessoa,

futuros signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lançado em 1932 (Vidal, 2013).

A Federação Nacional das Sociedades de Educação, pela originalidade de sua constituição, pelo programma que se propõe a realizar, pela grandeza, pela expansão e pelo pragmatismo dos seus objectos é, certamente, apesar de fundada há dous mezes apenas, uma das mais importantes e eficientes, de quantas organizações educativas se tenham creado no Brasil. Ella deriva directamente do fecundo ideal pedagógico e social, introduzido na reforma do ensino do Districto Federal por Fernando de Azevedo (FROTA PESSOA, *A ESCOLA PRIMARIA*, outubro de 1929, p. 166).

Segundo o educador os princípios que regiam a FNSE estavam pautados nos ideais renovadores, postos em prática na reforma empreendida por Fernando de Azevedo, no Distrito Federal, onde foram superados os métodos passivos de ensino por um ensino global, atribuindo à escola os valores humanos, situando a vida escolar com a vida local a qual estava inserida, trazendo para dentro do espaço escolar a participação do agrupamento familiar e dos moradores da região. Além de uma educação laica como defendia o grupo de escolanovistas mais progressistas.

Além da promoção do selo educacional que movimentou toda instrução do ensino do Distrito Federal e de outros estados, a FNSE começa a estreitar seus laços com representantes de outros países em busca de promover o intercâmbio de iniciativas e realizações internacionais como assim noticiou *O País* de 7 de setembro de 1929. Na íntegra, a matéria trata do ofício emitido por Lina Hirsch da Alemanha, onde aceita a incumbência de fomentar o intercâmbio pedagógico entre as duas nações, além parabenizar a iniciativa da Federação.

Desta forma, desde os primeiros momentos de sua criação, a FNSE começa mobilizar-se para fazer garantir um dos principais objetivos propostos por seus membros – o de promover a formação do professorado por meio de viagens pedagógicas. Essas viagens garantiriam o intercâmbio de ideias entre os educadores brasileiros e estrangeiros, firmando acordos internacionais entre países da Europa, Estados Unidos e América Latina. Dentre as principais iniciativas amplamente divulgadas, estão as viagens realizadas pela então secretária Celina Padilha, que à época havia se tornado inspetora escolar e uma das figuras mais importantes para implementação da Reforma de Fernando de Azevedo no Distrito Federal.

3. VIAGENS REALIZADAS POR CELINA PADILHA REPRESENTANDO A FNSE

Acaba de chegar do Uruguay onde foi em missão da Federação Nacional das Sociedades de Educação a Sra. Celina Padilha, inspectora escolar do sétimo districto escolar e secretaria daquela instituição. A missão da distincta professora, que tanto se devota ao magistério do Districto Federal, foi também a de visitar as sociedades educacionais filiadas nas capitães dos vários Estados do Sul do Brasil à alludida Federação. A parte activa que tomou a sra. Celina Padilha na 2ª convenção do magistério americano, que realizou em Motevidéo, motivou-nos ouvil-a e colher suas impressões e conhecer da efficiencia de tal Congresso. (*CORREIO DA MANHÃ*, 12 de abril de 1930, p. 2).

A epígrafe acima é um trecho introdutório da entrevista realizada pelo *Correio da Manhã* à inspetora Celina Padilha no Uruguay. Sob o título *A Segunda Convenção do Magistério Americano: Impressões de uma professora brasileira que esteve em montevidéo*, a manchete aborda detalhes, a partir do relato da própria educadora, de sua missão representando à FNSE pelo Sul, onde destaca a passagem por Porto Alegre e por terras estrangeiras, as cidades de Buenos Aires e Montevideu, com destaque a última, na qual esteve em decorrência de sua participação na II Convenção do Magistério Americano.

A educadora explica que a missão consistia em visitar as sociedades educativas federais situadas no sul do país e representar a FNSE na II Convenção do Magistério Americano em Montevideu. Aproveitando o deslocamento, ela também amplia o tempo em trânsito ficando 6 dias em Buenos Aires. Assim, inicia o relato falando da passagem pela capital Argentina, onde conheceu algumas colônias de férias em que palestrou para crianças e pode trocar informações sobre o movimento educacional que se desenrolava por lá na companhia do inspetor escolar Julio Barcos e do chileno Godoy Urrutis.

Não esquecerei aquelles momentos em que eu sentia amar que-las creanças, como amo as nossas, numa comunicação perfeita de almas; tive fé e acreditei que a paz universal será uma realidade, quando os mestres todos tiverem não somente no cérebro mas no coração, os preceitos de internacionalismo e de cordialidade humana. Para aquellas creanças só há uma tristeza: os dias de chuva que não lhes permitem ir à escola. Vi o Instituto Pedagogico, escola normal superior que está organizando sob a competente direcção de Julio Barcos instalada em edificio por um millionario, creio que italiano de nascimento ou de origem. (*Idem*)

O relato de Celina Padilha imprime o engajamento e a preocupação com o movimento escolanovista internacional e com o movimento pacifista que também se organizava no período entreguerras, assim como a importância do intercâmbio de ideias e práticas que vinham sendo realizadas entre os países sul-americanos, ressaltando a necessidade dos preceitos internacionalistas de cordialidade entre as nações. Ela também analisa de forma crítica as mazelas e desafios comuns que ambos os países enfrentaram.

Não vi outras escolas em funcionamento; mas tive o prazer, naqueles dias, da convivência de um grupo de professores, com os quaes troquei ideias sobre ensino, chegando à conclusão de elles passam pelos mesmos anseios, pelos mesmos tropeços que nós. Por toda a parte os problemas são idênticos: a dificuldade de professores para a zona rural, a remuneração insuficientes aos mestres primários, tirando de muitos o estímulo. Por toda a parte, um grupo de entusiastas ocupando a frente, na propaganda das ideias novas, um grupo numeroso de indiferentes mas possível de ser conduzido, e um outro de conservadores, de reacionários à voz do progresso, presos à rotina. (*Idem*)

Ao trazer seu olhar apresentando o desenvolvimento no campo educacional e social, bem como as dificuldades, lutas e enfrentamentos, ao comparar as duas nações sul-americanas, Celina Padilha exemplifica o quão eram necessárias tais missões aos países da América Latina. Neste sentido, ambas as nações tinham contextos históricos parecidos, pois haviam se tornado Repúblicas em um período recente da história. Foram atravessadas por um movimento intenso de modernização de suas capitais, aderindo à profundas reformas urbanas, bem como reformas no âmbito cultural e educacional, objetivando na ampliação da escolarização pública e laica um meio de inculcar na sociedade uma nova mentalidade (Silva, 2009).

Ao realizar o estudo comparado do Movimento da Escola Nova no Brasil e na Argentina, Nunes (1998) interpreta que este constitui-se a partir da estratégia política de secularização da cultura. Reitera que a Escola Nova colaborou para alargar a concepção de linguagem escolar, indo além do domínio oral e escrito, construindo um sistema de produção de significados de interação comunicativa. Complementando esta ideia, é possível englobar as viagens pedagógicas como estratégia importante neste processo. A missão dessas educadoras era de trocar informações sobre as práticas escolanovistas e fazê-las circular nestes países, articulando o diálogo entre as nações e corroborando para difusão desse sistema (Mignot; Gondra, 2007).

Em sua tese, Cardoso (2015) estuda as viagens pedagógicas com objetivo formativo organizadas pela ABE e por Anísio Teixeira com bolsas de estudos financiadas pela Fundação *Carnegie Endowment*. Observa que foram selecionadas diversas educadoras, entre os anos 1929 e 1935, a partir do trabalho de destaque que já vinham desempenhando na cena educacional do Rio de Janeiro e São Paulo, além de dominarem ao menos uma língua estrangeira, no caso o inglês.

Assim como as viagens com intuito formativo à Europa e aos Estados Unidos, as viagens aos países sul-americanos também ocorreram com frequência, mas com algumas características distintas. As educadoras não iam estudar em instituições superiores de

formação, iam passar um período mais curto, visitando instituições de ensino, realizando palestras, trocando material como livros e atividades que eram realizadas em escolas. Desta feita, Mignot (2010) aborda a viagem realizada por Armanda Alvaro Alberto ao Uruguai, representando os interesses do então Ministro Interino da Educação e Saúde – Belisário Penna – como citado anteriormente.

Outra educadora em missão aos países vizinhos – a Argentina e ao Uruguai – foi a educadora católica escolanovista Alba Cañizares do Nascimento, que realizou viagem comissionada, financiada pela prefeitura e pelo Clube Municipal, em janeiro de 1935, representando o Departamento de Educação do Distrito Federal dirigido por Anísio Teixeira. (Mignot e Varella, 2023) e Varella (2025) voltam-se a interpretar esta viagem que acabou ficando esquecida nos impressos da época e no estudo biográfico sobre a educadora realizado por (Silva, 2021). À frente do cargo de Superintendente de Educação, é escolhida por Anísio Teixeira para fazer uma série de visitas a instituições educacionais dos países vizinhos, bem como encontrar com representantes dos governos e educadores, junto ao grupo de professoras municipais. A viagem se deu dentro dos interesses políticos internacionais pautados pelo ideal pacifista e promoção da paz pela escola e do ideário pan-americano, pautado na Doutrina Monroe, implementada nos Estados Unidos pelo presidente americano James Monroe no início do século XIX.

Retomando a entrevista de Celina Padilha, em seguida, ela fala sobre a experiência vivida em Montevideu, destacando o período de quatorze dias que ficou na cidade, a maior parte deles ocupada com as atividades do evento, que nesta reportagem acabou ficando em segundo plano. Assim, ela trata de sua visita a uma colônia de férias na praia do Buceo, localizada na mesma cidade.

Passei ali algumas horas tendo podido sentir ambiente. O devotamento do professorado ao trabalho que fazem é de respeito e admiração. Enquanto esperam instalações mais perfeitas, vão atendendo à necessidade de melhorar as condições físicas de um bom número de crianças e os resultados vão aparecendo. De uma das mestras ouvi: É a escola mais pobre, onde estamos mais contentes. As crianças se sentem bem e todas aquellas com as quês conversei ouvi, sem hesitação, preferiam à escola à casa. Assisti ao banho e almocei com ellas. Tudo em ordem, asseado e boa comida. (*CORREIO DA MANHÃ*, 12 de abril de 1930, p. 2).

Termina sua narrativa falando da experiência vivida em Porto Alegre, uma das cidades do Sul do Brasil em que visitou. Ela relata sua impressão positiva em relação aos avanços no campo da educação. Ressalta os jardins de recreio, espaço destinado às atividades esportivas e jogos para as crianças. Segundo ela, já havia quatro deles na cidade de Porto Alegre,

equipados com campo de tênis e outros jogos, bem como vários aparelhos para exercícios físicos. Encantada com o que viu, prometeu retornar ao Rio de Janeiro e buscar recursos para criação de um Jardim de Recreio no 7º Distrito Escolar, o qual atuava como inspetora.

Além da longa entrevista dada ao *Correio da Manhã*, a educadora também concedeu entrevista ao *O Jornal*, onde falou mais sobre os objetivos da FNSE por detrás desta missão. A manchete também trazia uma foto de Celina Padilha e tinha como chamada: *Intercambio Educacional: A representação do Brasil no Congresso Internacional do Magistério Americano*. Bem como, noticia que a educadora havia viajado por meio do navio Almirante Jaceguay no dia 23 de janeiro de 1930. *O Jornal* traz também a informação completa de que nesta missão, ela visitaria instituições educacionais de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, além das cidades estrangeiras já citadas. Antes de seu embarque fala ao jornal a respeito do movimento projetado pela FNSE.

A reunião de diretores de instrução que sob os auspícios da FNSE se dará em junho, organizada por um dos membros mais eminentes da Federação, o dr. Frota Pessoa, focalizará o trabalho de reforma da instrução que se realiza no Distrito Federal. A agitação que a reforma Fernando de Azevedo, conhecida pelos diretores, levará aos Estados, unir-se-á aos efeitos do raid educacional, campanha arregimentadora de energias e congregaradora de expoentes de culturas dispersas. E daí surgirá a “opinião publica” suficientemente vigilante e sadia, para exigir e determinar os governos a tornar-se verdadeiramente educacionais. (PADILHA, Celina. *O Jornal*, 24 de janeiro de 1930, p.3).

O Jornal *O País* de 9 de fevereiro de 1930, que informou aos leitores sobre a passagem da educadora em cada um desses lugares, destacando sua missão pela FNSE, noticia a palestra por ela realizada na Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, no mesmo dia da notícia. Nela, Celina Padilha tratou do feminismo no Uruguai e Argentina, bem como a experiência de conhecer Porto Alegre e realizar viagem de avião desta cidade ao Rio de Janeiro. A palestra evidencia que, para além da busca pelo intercâmbio de ideias renovadoras no campo educacional, ela também se dedicou a outra faceta de sua ação: a de feminista junto à FBPF, da qual fez parte e mantinha vínculo de amizade com as demais companheiras, como Bertha Lutz (Varella, 2025).

[1] De acordo com a tese de Karina Pinto (2006), em 1933, a Instrução Pública do Distrito Federal transformou-se em Departamento de Educação.

[2] Foi possível localizar na Biblioteca Nacional dois livros publicados pela Instrução Pública Municipal do Rio de Janeiro de sua autoria, os quais abarcam aspectos da reforma de ensino da época realizada nas escolas municipais: *Algumas realizações em escolas primárias da Reforma do ensino do Distrito Federal. Exposição feita pela inspetora Celina Padilha* (1931) e *Socialização da escola: algumas das sugestões organizadas pela inspetora escolar Celina Padilha em 1932, como chefe do serviço de obras sociais escolares, Peri-escolares e*

Post-Escolares, na diretoria geral da instrução pública do distrito federal da Diretoria geral de instrução pública (1933). Sobre sua atuação, as publicações revelam como a inspetora colaborou de forma direta para difusão da Escola Nova na então Capital Federal.

[3] Varella (2025) buscou interpretar em seu estudo a escrita de 5 educadoras escolanovistas que publicaram na revista *A Escola Primária*, dentre elas Celina Padilha, que utilizou das páginas do periódico para defender os métodos de ensino renovadores; teceu sobre conteúdos de história, química e física, buscando articular com experiências estrangeiras consideradas mais modernas.

[4] Os estudos da historiografia da educação têm demarcado este rompimento como um momento que marca uma posição mais acentuada dos educadores católicos, contudo, salienta Sgarbi (2019, p.3) que, estes, já vinham se articulando desde o início da década de 1920, tal apresentou o próprio Backheuser, ao afirmar que as associações de professores católicos começaram a surgir a partir de 1928.

[5] De acordo com deliberado na Ata da Sessão Extraordinária realizada em 17 de janeiro de 1929, na Rua Chile, 23 – 1º andar, foram denominados presidentes da ABE o Professor Vicente Lícínio Cardoso e Isabel Jacobina Lacombe. Visto em: <https://abe1924.org.br/administracoes-antiores/>

[6] Diversos periódicos publicaram notícias sobre a Federação Nacional das Sociedades de Educação no ano de sua criação. Os de circulação no Rio de Janeiro foram: *O Paiz*, *O Correio da Manhã*, *O Jornal*, *O Jornal do Commercio*, *A Noite* e *o Brazil Médico*. Além de *A Escola Primária*, revista oficial da Instrução Municipal.

[7] *A Escola Primária* foi uma revista oficial da Instrução Pública Municipal do Rio de Janeiro, criada pela primeira inspetora escolar a educadora Esther Pedreira de Mello, que teve sua trajetória estudada por Santos (2014). Mais recentemente, a revista foi também estudada por Varella (2025), que focalizou na escrita de educadoras escolanovistas no impresso.

[8] A profissão docente a partir do século XIX se apresenta como um campo de trabalho possível para mulher em muitos países ocidentais. Além da atuação em fábricas e produções têxteis, na enfermagem, o ensino primário e os jardins de infância se tornaram um caminho viável de emancipação para elas Perrot (2019). No Brasil, entre o fim do Império e início da República, esse movimento não foi diferente. Segundo louro (1997) e Almeida (1998), ocorreu o ingresso crescente das mulheres no curso normal, sobretudo nas grandes capitais; porém essa nova possibilidade de trabalho se dá por meio das representações criadas culturalmente sobre o papel feminino de mãe e dona do lar, habilidades que as capacitavam para o ensino das crianças Uekane (2010).

[9] *O Paiz*, 11 de junho de 1930, p. 4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Celina Padilha se tornou uma importante colaboradora das reformas de ensino de cunho escolanovistas, buscando para além de seu distrito de trabalho, ampliar e internacionalizar os debates e métodos de ensino junto de outros países. Articulada à FNSE, a educadora empreendeu viagens para os estados do sudeste e sul do Brasil, bem como para a Argentina e Uruguai, representando esta federação, criada a fim de articular as associações de educação de todo o Brasil, pautadas por ideias escolanovistas progressistas.

Já legitimada como professora e inspetora escolar, foi ela, diante de um grupo majoritariamente masculino, escolhida para desempenhar tal missão, visto seu vasto conhecimento nos novos métodos de ensino que vinha ajudando a implementar na reforma que estava sendo realizada no Distrito Federal. Em trânsito, viu os avanços dos países vizinhos, mas também as mazelas comuns entre eles e o Brasil. Assim como, aproveitou para

tratar de assuntos políticos que atravessavam à educação e à vida das mulheres por meio do movimento feminista.

Diante do exposto, o artigo buscou por meio dos estudos de viagens pedagógicas de educadoras, iluminar uma faceta de Celina Padilha – a de viajante. Contudo as viagens realizadas pela FNSE, bem como a própria Federação ainda são pouco exploradas ou até mesmo esquecidas em trabalhos do campo, o que abre espaço para novos olhares e interpretações para tais viagens e outras que possam ser levantadas promovidas por esta Federação. Outra possibilidade, também é o aprofundamento sobre a criação e a obra organizada pela FNSE, que em seu tempo foi amplamente divulgada e defendida por educadores e educadoras de destaque em grande parte do território nacional, porém pouco estudada pela historiografia da educação.

Fontes Primárias ou Impressas

FROTA PESSOA, A Federação Nacional das Sociedades de Educação. A Escola Primaria, outubro de 1929, p. 16.

O CORREIO DA MANHÃ. **A Segunda Convenção do Magistério Americano**: Impressões de uma professora brasileira que esteve em montevidéo. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1930, p.2.

O JORNAL. **Intercâmbio Educacional**: A representação do Brasil no Congresso Internacional do Magistério Americano. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1930, p. 3.

O JORNAL. **Intercâmbio Educacional**: A representação do Brasil no Congresso Internacional do Magistério Americano. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1930, p. 3.

O MALHO. **Sátira**. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1928, p. 60.

O PAIZ. **Anúncio do jantar em celebração à formatura de Celina Padilha na Escola Normal**. 10 de abril de 1908.

O PAIZ. **Federação Nacional das Sociedades de Educação**: suas bases. de 31 de julho de 1929, p.2.

O PAIZ. **Federação pelo Progresso Feminino**: A primeira reunião social. Rio de Janeiro, 9 de abril de 1930, p.7.

PADILHA, C. **Dos fins e methods da escola nova**. A Escola Primaria. Ano XIII, n. 1. Rio de Janeiro: março 1929, pp. 4-5.

PADILHA, C. **Algumas realizações em escolas primarias da Reforma do ensino do Distrito Federal**. Exposição feita pela inspetora Celina Padilha. Rio de Janeiro: Tipografia São Benedito, 1931.

PADILHA, C. **Socialização da escola**: algumas das sugestões organizadas pela inspetora escolar Celina Padilha em 1932, como chefe do serviço de obras sociais escolares, Peri-escolares e Post-Escolares, na diretoria geral da instituição pública do distrito federal da Diretoria Geral de Instrução Pública. Rio de Janeiro: Tipografia São Benedito, 1933.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. F. **Viajar é ser autor de muitas histórias**: experiências de formação e narrativas educacionais de professores brasileiros em viagem aos Estados Unidos (1929-1935). 2015. 228 f. Tese (Doutorado em Educação), USP, São Paulo.

DIAS, A.; JARA, I. B. Educação e emancipação feminina em Celina Padilha, a “educadora transviada” (1927-1930). **Revista Educação e Emancipação**, v. 10, n. 4, p. 229–255, 2018.

MIGNOT, A. C. V. Viajar para legitimar: Armanda Álvaro Alberto na Comissão de Intercâmbio Brasil-Uruguai (1931). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 10, n. 22, p. 43-64, 2010.

MIGNOT, A. C.; GONDRA, J. G. (Orgs.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

MIGNOT, A. C.; PIRES, R. L. Entre “verdadeiros apóstolos”: uma educadora brasileira no congrès international d’éducation nouvelle (locarno - 1927). **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 28, n. 54, p. 125-138, 2019.

MIGNOT, A. C.; VARELLA, J. A. Em prol de uma política educativa continental: a educadora alba cañizares do nascimento em viagem ao Uruguai e Argentina. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, [S. l.], v. 10, p. 1–26, 2023.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

PERROT, M.; DUBY, G. (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**. vol. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

PINTO, K. P. **Por uma nova cultura pedagógica**: prática de ensino como eixo da formação de professores primários do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1937). 2006. 390 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, H. H. M. **Esther Pedreira de Mello**: múltiplas faces de uma mulher invisível (1880-1923). Tese (Doutoramento em Educação). Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, A. C. G. **Alba Cañizares do Nascimento**: Professora e feminista católica da Primeira República. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2021.

SILVA, J. C. S. **Teatros da modernidade**: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920. 2009. 321 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SGARBI, A. D. **Igreja, educação e modernidade na década de 30 escolanovismo católico**: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. 1997. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SGARBI, A. D. **Bibliotecas pedagógicas católicas**: estratégias para construir uma “civilização cristã” e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938). 2001. 390 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

UEKANE, M. N. “Mulheres na sala de aula”: um estudo acerca do processo de feminização do magistério primário na corte imperial (1854-1888). **Gênero**, Niterói, v. 11, n. 1, p. 35-64, 2. sem. 2010.

VARELLA, J. A. **Pelas páginas da revista a escola primária**: circulação de modelos e práticas pedagógicas na escrita de educadoras escolanovistas. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2025.